

Por que a Cruz?

JERRY BRIDGES



Trecho do livro
"O Evangelho para a Vida Real"

Por que a Cruz?

JERRY BRIDGES



Por que a Cruz?

Trecho do livro O Evangelho para a Vida Real
Traduzido do original em inglês:
The Gospel for Real Life: Turn to the Liberating Power of the Cross...Every Day
©2003 por Jerry Bridges

■

Publicado com permissão de Tyndale House Publishers, Inc.
351 Executive Drive, Carol Stream, IL
60188 - USA

Copyright © 2016 Editora Fiel
Primeira Edição em Português: 2016

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por Editora Fiel da Missão Evangélica Literária

PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTE LIVRO POR
QUAISQUER MEIOS, SEM A PERMISSÃO ESCRITA
DOS EDITORES, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM
INDICAÇÃO DA FONTE.

■

Diretor: James Richard Denham III
Editor: Tiago J. Santos Filho
Coordenação Editorial: Renata do Espírito Santo
Tradução: Ingrid de Andrade Fonseca
Revisão: Transliteris
Diagramação: Wirley Corrêa - Layout
Capa: Vinicius Musselman
ISBN: 978-85-8132-296-4



Caixa Postal, 1601
CEP 12230-971
São José dos Campos-SP
PABX.: (12) 3919-9999
www.editorafiel.com.br

RIQUEZAS INSONDÁVEIS

Meu amigo tinha acabado de descobrir que o quadril artificial que havia recebido há onze anos precisava ser substituído. No mês anterior, havia feito uma angioplastia para desobstruir uma artéria entupida em seu coração. Junto a tudo isso, ele sofre de artrite reumatoide. Sinais de velhice? De modo nenhum. Meu amigo tem apenas 56 anos de idade.

Há alguns anos, o psiquiatra Scott Peck iniciou um de seus livros com uma frase de quatro palavras: “A vida é difícil”.¹ Ele estava certo. Vivemos em um mundo amaldiçoado pelo pecado, devastado não só pelas forças da natureza e da enfermidade, mas principalmente pelas ações pecaminosas das pessoas umas com as outras. Ninguém está isento. Se você não está enfrentando algum tipo de sofrimento ou dificuldade neste momento, anime-se — certamente virá, mais cedo ou mais tarde! Mesmo enquanto tento escrever este capítulo, tenho passado por uma série de contratempos in-

cômodos e desanimadores. E tenho me sentido mal, porque “os cristãos não deveriam se sentir desencorajados”.

Às vezes parece que as circunstâncias são ainda piores para os cristãos. Além de todas as frustrações e tristezas da vida comuns a todos, temos um inimigo — o Diabo — que “anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar” (1 Pedro 5.8). Mesmo em nossas vitórias, não ficamos tranquilos. Recentemente um colega pastor confessou que se sentia sobrecarregado e ansioso ainda que em meio a um ministério frutífero.

No entanto, por trás de todos os outros problemas que enfrentamos está o maior deles: o nosso pecado. Não os pecados de outras pessoas contra nós, por mais dolorosos que possam ser, mas o nosso próprio pecado contra Deus. O pecado traz consigo um sentimento de culpa, condenação e alienação de Deus. Como uma querida mulher cristã expressou: “Eu sei que Deus me ama, mas às vezes me pergunto se ele gosta de mim”.

O que ela estava dizendo? Como Deus pode amá-la, e não gostar dela? Ela estava falando: “Eu sei que Deus me ama e que enviou o seu Filho para morrer por mim, mas, por causa dos meus pecados e falhas repetidas, sinto o seu descontentamento em relação a mim”. E, no entanto, essa mulher passou a vida adulta no ministério cristão integral e é uma notável e comprometida cristã. Ela não é a única a sentir isso. O historiador da Igreja, Richard Lovelace, escreveu que muitos cristãos: “embora, no fundo, tenham consciência de serem culpados e inseguros.... [baseiam] sua segurança de serem aceitos por Deus por meio da sua sinceridade, de sua

experiência de conversão no passado, de seu desempenho religioso recente, ou da relativamente infrequente desobediência consciente, proposital”.²

Por que isso é verdade? Por que tantos crentes, incluindo aqueles profundamente sérios em seu compromisso cristão, vivem vidas de desespero silencioso? Uma resposta a isso é que temos uma visão truncada do evangelho, que tende a enxergá-lo apenas como uma porta que atravessamos para nos tornarmos cristãos. Nessa visão, o evangelho serve somente aos incrédulos, como se, uma vez tornado cristão, você não precisasse mais dele, exceto para compartilhá-lo com as pessoas que ainda estão do lado de fora da porta. Ao invés disso, o que você precisa ouvir são os desafios e o passo a passo do discipulado.

Outra razão para o nosso desespero silencioso é que muitas pessoas têm uma visão utilitarista do evangelho. *O que o evangelho pode fazer por mim?* Alguns querem apenas o conhecido “seguro contra incêndio” — a boa vida agora e a boa vida futura. Outros estão à procura de uma solução para os seus problemas ou de um caminho para uma vida mais bem-sucedida. Essa visão é adequadamente ilustrada por um panfleto bem animado de uma igreja que anunciava:

Na Valley Church, você:

- conhece novos amigos e vizinhos;
- ouve mensagens positivas e práticas que o motivam a cada semana sobre:
- Como se sentir bem consigo mesmo;

- Como superar a depressão;
- Como ter uma vida plena e bem-sucedida;
- Aprender a lidar com o seu dinheiro, sem ser manipulado por ele;
- Os segredos da vida familiar bem-sucedida;
- Como superar o estresse.³

Essa visão utilitarista do evangelho não é um exemplo isolado. Um folheto com dizeres semelhantes foi colocado em minha própria porta recentemente.

Assim, entre os desafios do discipulado de um lado e a visão utilitarista do evangelho do outro, deixamos de ver o evangelho como a solução para o nosso maior problema: nossa culpa, condenação e alienação de Deus. Além disso, não conseguimos enxergar o evangelho como a base da aceitação diária de Deus em relação a nós. Como resultado, muitos crentes vivem na pobreza espiritual.

Há alguns anos, nosso pastor contou uma história pouco comum sobre um fazendeiro do Sul dos Estados Unidos que deixou uma herança de US\$ 50.000 para um ex-escravo que o serviu fielmente durante toda sua vida. Esse valor representava uma grande soma de dinheiro naqueles dias — talvez o equivalente a meio milhão de dólares hoje. O advogado do espólio notificou devidamente o ancião sobre sua herança e lhe disse que o dinheiro havia sido depositado no banco local. Semanas se passaram, e o ex-escravo nunca requereu qualquer parte da sua herança. Por fim, o banqueiro o chamou e disse novamente que ele tinha US\$50.000 disponíveis para retirar a qualquer momento. O velho respondeu:

“Senhor, você acha que eu posso ter cinquenta centavos para comprar um saco de farinha de milho?” Por não ter lidado com dinheiro a maior parte de sua vida, ele não tinha compreensão de sua riqueza. Como resultado, ele estava pedindo por cinquenta centavos quando poderia facilmente ter tido muito, muito mais.

Essa história ilustra a situação de muitos cristãos hoje. O apóstolo Paulo escreveu sobre pregar aos gentios “as insondáveis riquezas de Cristo” (Efésios 3.8). Ele não estava se referindo à riqueza financeira, mas às gloriosas verdades do evangelho. Para usar as ilustrações da história do ex-escravo, Paulo estava dizendo que cada um de nós tem US\$50.000 disponíveis no evangelho. No entanto, a maioria de nós está esperando poder extrair um vale de cinquenta centavos. Por que isso é verdade? A resposta é que nós não entendemos as riquezas do evangelho, assim como o ex-escravo não compreendia a riqueza de US\$ 50.000.

Cresci em uma região dos Estados Unidos e em uma época na qual as realidades do céu e do inferno eram pregadas regularmente. Não tinha nenhuma dúvida em minha mente de que havia um inferno a se evitar e um céu a se ganhar. Quando finalmente me tornei adolescente e confiei em Cristo, meu único objetivo era apenas este: escapar do inferno e ir para o céu quando morresse. Esse objetivo em si é de um valor inestimável, e, nem por um momento, eu minimizaria o contraste infinito entre passar a eternidade no céu ou no inferno. Mas isso é apenas uma parte do evangelho e não conduz a nossa relação com Deus hoje.

Em nossa época, a questão do céu e do inferno é ir-

relevante para a maioria das pessoas. Entre os estudantes universitários, por exemplo, a principal preocupação são os relacionamentos. O estudante teve um péssimo relacionamento com seu pai e agora não se dá muito bem com o colega de quarto. Trabalhadores de classe média estão preocupados com as questões abordadas no folheto da igreja mencionado anteriormente. A questão dos relacionamentos é certamente importante, e até mesmo alguns dos temas no panfleto da igreja são dignos de nossa atenção. Mas esses tópicos nem chegam perto de explorar as “insondáveis riquezas” sobre as quais Paulo estava escrevendo. O apóstolo provavelmente olharia para nós hoje e diria que estamos pedindo por cinquenta centavos ou talvez por alguns dólares quando temos US\$50.000 no banco. E ele diria que isso é porque realmente nós não entendemos o evangelho.

A realidade da cristandade atual é que, na verdade, a maioria dos cristãos professos *conhece* muito pouco do evangelho e sequer entendem suas implicações para a vida diária. Tenho percebido que a maioria deles conhece o evangelho apenas o suficiente para entrar na porta do reino. Eles não sabem nada das insondáveis riquezas de Cristo.

Então, o que fazemos e por onde começamos para obter uma compreensão prática do evangelho? Este livro tem a intenção de tratar disso. A palavra *evangelho* significa, essencialmente, “boas-novas”. E são boas notícias especificamente sobre o nosso relacionamento com Deus. Todos nós gostamos de receber uma boa notícia, especialmente se ela for referente a uma notícia ruim que acabamos de receber. Se você acabou de ser informado que tem câncer, por exemplo,

é uma boa notícia quando o médico lhe diz que é de um tipo que responde prontamente ao tratamento.

O evangelho é assim. É a boa notícia que se refere diretamente à pior notícia de nossas vidas. A Bíblia diz que tínhamos um problema sério com Deus, que éramos injustos e ímpios. E, então, fala que a ira de Deus se revela do céu “contra toda impiedade e perversão dos homens”. Na verdade, ela diz que éramos filhos da ira de Deus por natureza (Romanos 1.18; 3.10-12; Efésios 2.3).

Pense nisso! Quando você veio ao mundo como um bebê, antes mesmo de ter feito alguma coisa ruim, você era objeto da ira de Deus. Veremos mais adiante por que isso é verdade. Mas, por enquanto, essa é a má notícia.

Estamos familiarizados com a brincadeira da boa notícia e da má notícia. Escolhemos a má por último, e ela sempre anula a boa. Contudo, a Bíblia inverte essa sequência. Ela nos informa da má notícia de que estamos com problemas com Deus e, em seguida, nos conta a boa notícia de que Deus providenciou uma solução que supera em muito o nosso problema. Três vezes em suas cartas, o apóstolo Paulo retrata um quadro ameaçador de más notícias a nosso respeito e, então, toda vez ele diz “mas”. Na verdade, ele está dizendo: “Aqui está a má notícia, mas aqui está também a Boa Notícia”. E, nessa mensagem, a Boa Notícia sempre supera a má.

Tome apenas um desses exemplos em Efésios 2.1-9. Após nos informar de que éramos, por natureza, objetos da ira, Paulo diz: *mas* “Deus, sendo rico em misericórdia”, na verdade, “juntamente com [Cristo], nos ressuscitou e nos fez assentar nos lugares celestiais”. Essa é certamente uma história de supera-

ção. O que poderia ser um contraste maior do que um objeto da ira de Deus sentado com seu Filho em uma posição de glória?

Essa boa notícia não começa quando morremos. Ela certamente aborda essa questão, mas também diz que há boas notícias para nós agora. Não temos que nos sentir culpados ou inseguros em nosso relacionamento com Deus. Não temos que ficar imaginando se ele gosta de nós. Podemos começar cada dia com o entendimento profundamente encorajador de que *sou aceito por Deus, não com base no meu desempenho pessoal, mas com base na justiça infinitamente perfeita de Jesus Cristo*. Procuraremos descobrir a profundidade de significado que há nessa declaração à medida que passarmos pelos próximos capítulos.

Pense novamente na história do ex-escravo. Suponha que, no momento de receber a sua herança, ele não fosse apenas muito pobre, mas também estivesse profundamente afundado em dívidas de aluguel. Com essa herança ele poderia não somente pagar a sua dívida, como também poderia comprar a casa. Sua herança supera em muito a sua dívida.

Essa é a verdade do evangelho. Nós possuímos uma imensa dívida espiritual para com Deus — uma dívida que não podemos nem começar a pagar. Não há como resolvermos isso. O evangelho, além de dizer que Jesus Cristo pagou a nossa dívida, fala muito mais. Ele diz que não somos mais inimigos e objetos da ira de Deus, sendo agora seus filhos e filhas, herdeiros com Jesus Cristo de todas as suas riquezas insondáveis. Essa é a boa notícia do evangelho.

Por que o apóstolo Paulo desenvolveu, em tal extensão, a má notícia da nossa situação? Não podemos começar

a apreciar a boa notícia do evangelho até que vejamos nossa profunda necessidade. A maioria das pessoas, mesmo aquelas que já se tornaram crentes, nunca deram muita atenção a quão desesperadora é a nossa condição à parte de Cristo. Poucas pensam sobre as implicações terríveis de estar debaixo da ira de Deus. E, acima de tudo, nenhum de nós nem sequer começou a entender quão pecadores realmente somos.

Jesus uma vez contou uma história sobre um servo de um rei que devia a seu mestre dez mil talentos (ver Mateus 18.21-35). Um talento equivalia ao salário de cerca de 20 anos de um trabalhador. Dez mil talentos, então, equivaliam a cerca de 200 mil anos de salários — uma quantia tão grande que teria sido impossível pagar.

Por que Jesus usa uma quantia tão exageradamente grande quando ele sabia que, na vida real, teria sido impossível para o servo de um rei acumular essa dívida? Jesus gostava de usar hipérboles para explicar um pensamento. No contexto da história, essa imensa soma representa uma dívida espiritual que cada um de nós deve a Deus. É a dívida de nossos pecados. E, para cada um de nós, é uma quantia assombrosa. Não há como podermos pagá-la.

É disso que o evangelho trata. Jesus pagou nossa dívida por completo, porém fez muito mais do que nos livrar dela. Ele também adquiriu para nós uma herança eterna de valor infinitamente maior do que os US\$ 50.000 herdados pelo ex-escravo. Por isso Paulo escreveu sobre as “insondáveis riquezas de Cristo”. E Deus quer que desfrutemos dessas riquezas insondáveis aqui e agora, ainda que em meio a cir-

cunhâncias difíceis e desanimadoras.

O propósito deste livro é explorar essas riquezas insondáveis. Para apreciá-las, no entanto, precisamos examinar brevemente nossa condição pecaminosa. Apesar de vivermos em uma época na qual as pessoas não gostam de falar sobre pecado, somente aqueles que entendem de alguma maneira a enormidade da sua dívida espiritual podem começar a apreciar o que Cristo fez por eles na cruz. Sem uma convicção sincera do nosso pecado, não podemos ter um interesse verdadeiro pelo evangelho. Além disso, essa convicção realmente deve crescer ao longo da nossa vida cristã. Na verdade, um aumento da conscientização de nossa pecaminosidade é um sinal de crescimento espiritual.

Um dos mais antigos escritores sobre o tema do evangelho escreveu:

A melhor preparação para o estudo dessa doutrina [isto é, da verdade do evangelho] não é nem uma grande capacidade intelectual, tampouco um aprendizado acadêmico, mas uma consciência impregnada com um senso de nossa real condição de pecadores aos olhos de Deus.⁴

No próximo capítulo, olharemos para a nossa condição pecaminosa a fim de nos prepararmos melhor para explorar essas riquezas insondáveis que temos em Cristo.

POR QUE A CRUZ?

A morte de Jesus Cristo foi o acontecimento mais marcante de toda a história. Séculos antes de ocorrer, ela foi predita em detalhes incríveis por vários profetas do Antigo Testamento. E os fenômenos sobrenaturais que acompanharam o evento real separaram-na radicalmente de todas as outras mortes ocorridas antes e depois.

As Escrituras nos dizem que, durante a crucificação, o brilhante sol do meio-dia foi totalmente obscurecido até as 15 horas, mergulhando toda a terra na escuridão. No momento preciso de sua morte, a espessa cortina do templo judaico, que separava o Santo dos Santos (o cômodo interior simbolicamente habitado por Deus), foi rasgada de cima a baixo por uma mão invisível. Um terremoto dividiu pedras e abriu tumbas próximas. Os mortos foram ressuscitados e saíram dos sepulcros, aparecendo mais tarde para o povo em Jerusalém (ver Mateus 27.45,51-53).

Jesus ressuscitou três dias após sua morte e, durante um período de 40 dias, apareceu aos seus discípulos em várias ocasiões — em uma delas, para quinhentos de uma só vez. Passado esse tempo, os apóstolos o viram se afastar em uma nuvem por meio da qual ascendeu ao céu.

Hoje, cerca de dois mil anos depois, a cruz é o símbolo universalmente conhecido da fé cristã. Ela desempenha um papel de destaque no projeto arquitetônico e em mobílias de muitas igrejas. Capelães cristãos das forças armadas a utilizam em seus uniformes como o emblema de seus ofícios. A cruz tem sido estilizada em várias peças de joalheria e vem, muitas vezes, cravejada com pedras preciosas. Tais joias são frequentemente usadas apenas pela beleza, por pessoas que não têm ideia do seu significado.

Na época da morte de Cristo, no entanto, a cruz era um instrumento de incrível horror e vergonha. Era a punição mais miserável e degradante, infligida apenas a escravos e pessoas de menor importância. Se homens livres eram, em algum momento, submetidos à crucificação por grandes crimes como traição ou insurreição, a sentença não podia ser executada até que eles fossem colocados na categoria de escravos por infâmia, e tivessem, enfim, sua liberdade tomada por flagelação.¹

O que devemos fazer com tudo isso? Por que a morte de Cristo foi um evento tão surpreendente em si? E como era possível que o Filho eterno de Deus, por quem e para quem foram criadas todas as coisas (ver Colossenses 1.15-16), acabasse, em sua natureza humana, morrendo uma das mortes mais cruéis e humilhantes já inventadas pelo homem?

Sabemos que a morte de Jesus na cruz não o pegou de surpresa, tanto que ele a predisse continuamente a seus discípulos (veja Lucas 18.31-33 para um exemplo). E, com sua crucificação iminente diante de si, Jesus mesmo disse: “Que direi eu? Pai, me salva desta hora? Mas precisamente com este propósito vim para esta hora” (João 12.27). Jesus disse que veio para morrer.

Mas por quê? Por que Jesus veio para morrer? Os apóstolos Paulo e Pedro nos dão a resposta em termos claros e concisos. Paulo escreveu: “Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras”; e Pedro apontou: “Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus” (1 Coríntios 15.3; 1 Pedro 3.18).

Cristo morreu pelos nossos pecados. Jesus Cristo, o Filho eterno de Deus, tomou sobre si uma natureza humana e teve uma morte terrível em nosso lugar, sofrendo o que deveríamos ter sofrido, para pagar a pena pelos nossos pecados. Essa é a razão da cruz.

O PECADO DE ADÃO

Nunca entenderemos a cruz se não começarmos a compreender algo da natureza e da profundidade do nosso pecado. E, para entender isso, temos de percorrer todo o caminho de volta até o Jardim do Éden.

Ao colocar Adão e Eva no jardim, Deus impôs uma proibição simples sobre eles: não deveriam comer da árvore do conhecimento do bem e do mal. Por que Deus não im-

pôs outros tipos de restrições, tais como: “Não furtarás” ou “Não matarás”? A resposta é que ele criou Adão e Eva à sua imagem (veja Gênesis 1.27), o que inclui, entre outras coisas, sua imagem moral. Em outras palavras, Adão e Eva foram criados moralmente perfeitos — completamente sem pecado — e, portanto, não precisavam de restrições dessa ordem sobre eles.

Deus, porém, planejou testar a obediência deles, quando lhes impôs que não deveriam comer da árvore proibida. Não havia nada intrinsecamente mal naquela árvore. Deus poderia ter escolhido qualquer árvore do jardim. Nem a obediência era difícil. Muitos tipos de árvores do jardim eram agradáveis aos olhos e boas para comer. É difícil imaginar um teste mais fácil para Adão e Eva. A abstenção do fruto proibido não envolvia nenhuma dificuldade, nenhum inconveniente, apenas simples obediência.

No entanto, quando a Serpente questionou a bondade e a fidelidade de Deus, Eva cedeu e assim o fez Adão. Naquele momento, eles perderam a imagem moral de Deus — já não eram mais perfeitamente santos. E imediatamente começaram a pecar: Adão culpando Deus (“A mulher que tu me deste”); e Eva, a Serpente. Em termos teológicos, a desobediência deles e a consequente perda da imagem moral divina são conhecidas como a *Queda*.

A queda de Adão e a perda da imagem moral de Deus deram origem não só à culpa, mas também à depravação ou corrupção moral. Agora, a vontade dele, que havia sido totalmente receptiva à vontade de Deus, estava inclinada para o mal. Os teólogos se referem a essa persistente inclinação

para o mal como o *pecado original*, uma força interna enraizada na perversidade da natureza humana caída. Paulo a chamou de *natureza pecaminosa* (chamada de *carne* em algumas traduções da Bíblia).

As consequências do pecado de Adão e Eva foram muito além do próprio banimento deles do jardim e da presença de Deus. Deus havia designado Adão como o cabeça ou representante legal de toda a raça humana. Consequentemente, sua queda trouxe culpa e depravação a todos os seus descendentes. Ou seja, todas as pessoas — exceto Jesus — nascem com uma natureza pecaminosa após Adão e Eva. Davi falou sobre esse fato no Salmo 51.5: “Eu nasci na iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe”. Essa pecaminosidade de Davi, ainda no ventre de sua mãe, não estava em atos de pecado cometidos. Ele se referia à sua natureza pecaminosa, adquirida no momento da concepção.

O apóstolo Paulo explicou da seguinte forma: “Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram” (Romanos 5.12). Note que a sentença de Paulo parece estar quebrada e suprimida antes mesmo de ele terminar seu pensamento. O que Paulo quis dizer ao afirmar que “todos pecaram”? Poderíamos facilmente assumir que estava falando sobre os pecados individuais de cada um de nós, mas isso não é o que ele tinha em mente. Ao contrário, o apóstolo estava falando sobre o fato de que Adão era o representante legal de todos os seus descendentes. Nesse sentido, o que ele fez, nós fizemos; e, portanto, as consequências do seu pecado, em termos de

culpa e pecado original, caíram sobre todos nós.

Em Romanos 5.18-19, Paulo escreveu que “por uma só ofensa, veio o juízo sobre todos os homens para condenação” e que “pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores”. Está claro, na teologia de Paulo, que Adão foi designado por Deus para agir em nome de toda a sua posteridade. É por isso que você e eu, como Davi, nascemos com o pecado original, e éramos, por natureza, objetos da ira de Deus.

O NOSSO PECADO

A história segue ladeira abaixo a partir de Adão. Agravamos nossa condição com os nossos próprios pecados, uma vez que todos temos uma natureza pecaminosa corrupta. Pecamos todos os dias, consciente e inconscientemente, tanto de maneira voluntária quanto involuntária. Nós, crentes evangélicos, geralmente nos abtemos dos pecados mais grosseiros da sociedade; com efeito, tendemos a julgar aqueles que os praticam. Mas, sob a superfície de nossas próprias vidas, toleramos todos os tipos de pecados “refinados”, tais como o egoísmo, a cobiça, o orgulho, o ressentimento, a inveja, o ciúme, a justiça própria e o espírito crítico em relação aos outros.

Além disso, raramente pensamos sobre as palavras de Jesus cujo maior mandamento é: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. [...] O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mateus 22.37,39).

POR QUE A CRUZ?

Você alguma vez pensou sobre o que significa amar a Deus com todo o seu coração, alma e entendimento? Eu não acho que qualquer um de nós possa sondar plenamente a profundidade desse mandamento, mas aqui estão alguns aspectos óbvios:

- Seu o amor por Deus transcende todos os outros desejos (ver Êxodo 20.3);
- Como Davi, você anseia contemplar a sua beleza e buscar comunhão com ele (ver Salmo 27.4);
- Você se alegra em meditar na sua Palavra e, como Jesus, você se levanta cedo para orar (ver Salmo 119.97; Marcos 1.35);
- Você sempre se deleita em fazer a vontade dele, independentemente de quão difícil possa ser (ver Salmo 40.8);
- Uma estima pela glória dele governa e motiva *tudo* o que você faz — seu comer e beber, seu trabalho e lazer, seu comprar e vender, sua leitura e fala — e, ousado mencionar isso, até mesmo a sua forma de dirigir (ver 1 Coríntios 10.31);
- Você nunca é desencorajado ou frustrado por circunstâncias adversas, porque está confiante de que Deus está trabalhando em todas as coisas para o seu bem (ver Romanos 8.28);
- Você reconhece a soberania de Deus em todos os acontecimentos da sua vida e, conseqüentemente, recebe tanto sucesso quanto fracasso da mão dele (ver 1 Samuel 2.7; Salmo 75.6-7);

- Você está sempre contente, porque sabe que ele nunca o deixará nem desampará (ver Hebreus 13.5);
- A primeira petição na Oração do Senhor, “santificado seja o teu nome”, é a oração mais importante que você faz (ver Mateus 6.9).

Essa descrição do Grande Mandamento está obviamente incompleta, mas é suficiente para mostrar a todos nós quão lamentavelmente ineficazes somos em lhe obedecer.

Agora, veremos o que Jesus chamou de o segundo mandamento: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Entre outras coisas, isso significa:

- Você nutre pelo próximo o mesmo amor que tem por si mesmo;
- Em seu relacionamento com ele, você nunca demonstra egoísmo, irritabilidade, mau humor ou indiferença;
- Você tem interesse genuíno pelo bem dele e procura promover seus interesses, sua honra e bem-estar;
- Você nunca se sente arrogantemente superior a ele, nem fala sobre as falhas dele;
- Você nunca se ressentido de quaisquer erros que ele cometa contra você, mas, em vez disso, está sempre pronto a perdoar;
- Você sempre o trata da forma como gostaria que ele o tratasse;
- Parafraseando 1 Coríntios 13.4-5, você é sempre

paciente e bondoso, nunca é invejoso ou arrogante, nunca orgulhoso ou rude, nunca egoísta. Você não se irrita facilmente e, mesmo em sua mente, não guarda mágoas de injustiças cometidas contra você.²

Você está começando a compreender algumas das implicações do que significa obedecer a esses dois mandamentos? A maioria de nós sequer pensa sobre eles no decorrer de um dia, muito menos almeja lhes obedecer. Em vez disso, nos contentamos em evitar grandes pecados exteriores e em realizar os deveres cristãos de costume. E, no entanto, Jesus disse que toda a Lei e os Profetas se apoiam nesses dois mandamentos.

Mesmo com relação aos chamados pecados graves, muitas vezes recorremos a eufemismos para atenuar a sua gravidade. Sentei-me com alguns amigos em frente à mesa de um líder cristão que disse: “Eu tive um caso”. É claro que todos sabíamos o que ele queria dizer, mas depois desejei ter tido a presença de espírito de lhe dizer: “Bob, olhe nos meus olhos e diga: ‘eu cometi adultério’”. Precisamos chamar o pecado por aquilo que a Bíblia o chama e não o suavizar com expressões modernas emprestadas da nossa cultura.

Para investigarmos ainda mais a fundo, precisamos perceber que a nossa natureza pecaminosa afeta e contamina tudo o que fazemos. Nossas melhores obras estão manchadas pelo pecado. Por causa disso, nossos atos de obediência estão tão distantes da perfeição, imundos pelo pecado remanescente, que são como “trapo da imundícia” (Isaías 64.6) quando comparados à justiça que a Lei de Deus requer.

Se limitarmos nossa atenção aos pecados isolados e negligenciarmos nossa natureza pecaminosa, jamais descobriremos quão profundamente infectados pelo pecado realmente estamos. Quando fez a memorável oração do Salmo 51, após ter cometido adultério com Bate-Seba e assassinado o marido dela, Davi reviu seus atos hediondos até chegar à sua causa original — sua natureza pecaminosa adquirida no ventre de sua mãe.

A esta altura você pode estar pensando: “Por que dedicar tanta atenção ao pecado? Ele só me faz sentir culpado. Pensei que você fosse nos falar sobre as insondáveis riquezas de Cristo”. A minha razão é fazer com que todos percebamos que não temos nenhum lugar para nos esconder. Em nosso relacionamento com Deus, não podemos apelar para os nossos deveres cristãos, não importa quão úteis sejam, nem para a nossa moralidade externa, por mais exemplar que seja. Em vez disso, devemos confessar juntamente com Esdras que “nossas iniquidades se multiplicaram sobre a nossa cabeça, e a nossa culpa cresceu até aos céus.” (Esdras 9.6).

Além disso, mesmo um senso penetrante e profundo de nossa pecaminosidade não capta a realidade da nossa difícil situação. Nossa necessidade não deve ser medida pelo nosso próprio senso de necessidade, mas por aquilo que Deus teve que fazer para atendê-la. Nossa situação era tão desesperadora que só a morte de seu próprio Filho, na vergonhosa e cruel cruz, foi suficiente para resolver o problema.

Muitas pessoas erroneamente pensam que Deus somente pode perdoar nossos pecados porque é um Deus amoroso. Nada poderia estar mais distante da verdade. A cruz não só nos fala sobre o nosso pecado, mas também sobre a santidade de Deus.

A SANTIDADE DE DEUS

Quando refletimos sobre a santidade de Deus, costumamos pensar em sua pureza moral infinita. Está correto, mas existe algo mais do que isso. O sentido básico da palavra *santo* é “separado” e, quando ela é utilizada no que se refere a Deus, significa, entre outras coisas, que ele é eternamente separado de qualquer grau de pecado. Ele próprio não peca e não é capaz de tolerar ou aceitar o pecado em suas criaturas morais. Ele não é como o conhecido avô complacente que dá uma piscada de olhos ou ignora a desobediência travessa de seu neto.

Em vez disso, as Escrituras nos ensinam que a santidade de Deus responde ao pecado com ódio imutável e eterno. Falando claramente, Deus odeia o pecado. O salmista disse: “Os arrogantes não permanecerão à tua vista; aborreces a todos os que praticam a iniquidade” e “Deus é justo juiz, Deus que sente indignação todos os dias” (Salmo 5.5; 7.11, respectivamente). Assim, vemos que Deus sempre odeia o pecado e, inevitavelmente, expressa a sua ira contra ele.

A cruz é, então, uma expressão da ira de Deus para com o pecado, bem como de seu amor por nós, tendo enviado seu Filho para sofrer a punição que tão justamente mereceríamos. Ela expressa a santidade de Deus em sua determinação para punir o pecado, mesmo à custa de seu Filho.

Assim, em resposta à pergunta “Por que a cruz?”, devemos dizer que a santidade de Deus a exigiu como punição por nossos pecados, e o amor de Deus a providenciou para nos salvar deles. Não podemos começar a entender o verda-

deiro significado da cruz, se não entendermos, pelo menos, o básico sobre a santidade de Deus e a profundidade do nosso pecado. E é a sensação contínua da imperfeição da nossa obediência que, decorrente da constante presença e poder do pecado remanescente, habita em nós e nos impulsiona cada vez mais como crentes a uma absoluta dependência da graça de Deus dada a nós por meio de seu Filho, nosso Senhor Jesus Cristo.

À medida que consideramos a obra de Cristo por nós, precisamos ter em mente que o nosso pecado requereu isso. Pois, é somente contra o pano de fundo sombrio da nossa pecaminosidade que podemos ver a glória da cruz resplandecer em todo seu brilho e esplendor. E, conforme contemplamos a glória da cruz, descobriremos também que Cristo, em sua grande obra por nós, não apenas resolveu o problema do pecado, mas ainda nos garantiu as “insondáveis riquezas” às quais me referi no primeiro capítulo.

CAPÍTULOS 1 E 2

1. Se você estiver estudando com um grupo, dê a cada pessoa um minuto para que elas compartilhem como começaram a se familiarizar com o evangelho. Você não terá tempo de contar todo o seu testemunho, mas um breve relato o ajudará a descobrir muito sobre os outros. (Se você achar isso útil, considere marcar outra reunião apenas para compartilhar testemunhos. Ou dê tempo, no início de cada reunião, para uma ou duas pessoas contarem uma história de cinco minutos sobre sua jornada à fé.)
2. O historiador da Igreja Richard Lovelace escreveu que muitos cristãos: “embora, no fundo, tenham consciência de serem culpados e inseguros... [baseiam] sua segurança de serem aceitos por Deus

por meio da sua sinceridade, de sua experiência de conversão no passado, de seu desempenho religioso recente, ou da relativamente infrequente desobediência consciente, proposital”. Você acha que isso é verdade? Se sim, por que você acha que isso acontece?

3. Você se sente inseguro sobre o amor de Deus? Como aquela mulher cristã (ver página 7) você sabe que Deus te ama, mas talvez ache que ele não gosta de você?
4. O que há de errado com a visão utilitarista do evangelho que se concentra em soluções para problemas pessoais, em uma vida mais bem sucedida agora e na garantia de ir para o céu?
5. Leia Romanos 1.18; 3.10-12; Efésios 2.3. Por que Bridges diz que é tão importante pensar sobre a má notícia acerca de nós mesmos: que somos, por natureza, filhos da ira de Deus?
6. Leia Mateus 18.21-35. Quão fácil é para você se imaginar como o servo que devia o salário de 200 mil anos para o seu mestre? Por favor, explique por que você se sente dessa forma.
7. Bridges diz que a principal necessidade da qual o evangelho trata é a nossa necessidade de sermos li-

bertos da pena e da prática habitual do pecado. Em um dia normal, quão alta é essa necessidade para você quando comparada a outras preocupações? Use uma escala de 0 (nem um pouco importante para mim) a 10 (a questão mais importante em minha mente).

8. Leia Romanos 5.12-14. Como o pecado de Adão afetou você?
9. Leia Romanos 5.15-19. Como a morte de Cristo pagou pelo seu pecado?
10. O conceito de “Cabeça Federal” deixa muitos cristãos perplexos. Parece-lhe justo que o pecado de Adão o tenha poluído antes que você tivesse a chance de fazer alguma coisa boa ou má? Parece-lhe justo que a morte de Cristo tenha limpado seus pecados independentemente de qualquer coisa que você já tenha feito? Por favor, explique.
11. Leia os mandamentos e suas definições nas páginas 17-18. Se esse é o padrão que Deus definiu para a sua vida, quão bem você está indo? Onde estão os seus principais pontos fracos?
12. Leia Isaías 6.1-7. Quando você imagina a santidade de Deus, isso faz com que você queira se afastar dele? Ou faz com que você queira se aproximar sem medo, porque a morte de Jesus na cruz o limpou?

Por favor, explique.

13. À luz do que estudou nos Capítulos 1 e 2, o que significa para você: “Jesus morreu pelos meus pecados”?

JERRY BRIDGES

O EVANGELHO PARA A VIDA REAL

Voltando-se para o poder libertador
da cruz... dia após dia



Adquira o livro completo
e continue sua leitura

www.editorafiel.com.br

“Conhecer Cristo é conhecer seus benefícios’ — assim pensavam os grandes reformadores do século XVI. Jerry Bridges partilha desse mesmo pensamento ao reunir, neste livro, as mais profundas verdades da fé cristã e seus resultados práticos para a vida em Cristo. O foco está sempre em Jesus Cristo, nosso único e suficiente Senhor e Redentor. Um maravilhoso manual para todo crente!”

— **TIMOTHY GEORGE**, DEÃO, *BEESON DIVINITY SCHOOL OF SAMFORD UNIVERSITY*;
EDITOR EXECUTIVO, *CHRISTIANITY TODAY*

“Com sua clareza, compaixão e humildade características, Jerry Bridges traz as bênçãos do céu para as realidades da terra — e para as áreas mais frágeis do coração onde essas bênçãos são mais necessárias e mais fortalecedoras.”

— **DR. BRYAN CHAPPELL**, PRESIDENTE,
COVENANT THEOLOGICAL SEMINARY

“Com uma clareza que nos atrai, Jerry Bridges desvenda o evangelho de Jesus Cristo de uma maneira que permite nos apropriarmos do grande presente de Deus para a humanidade, e o apreciarmos. Em uma abordagem holística no tratamento das questões críticas da vida, Bridges nos direciona para as Escrituras, nos foca na cruz, nos leva a um relacionamento com Cristo e nos revela um modo de vida que faz a diferença. Para o questionador ou para os iniciantes, *O Evangelho para a Vida Real* é um livro a ser lido e relido.”

— **STEPHEN B. KELLOUGH**, DOUTOR EM MINISTÉRIO,
MINISTRO PRESBITERIANO E CAPELÃO DA *WHEATON COLLEGE* (IL)

“Jerry Bridges tem o talento de acertar o alvo bíblico em cheio — de uma forma que gruda na cabeça da gente. Como Joã Bunyan antes dele, nos vê rolar na sujeira quando há uma coroa de ouro sobre as nossas cabeças. Nosso problema como cristãos é simplesmente este: não cremos no evangelho nem o compreendemos muito bem. É simples assim. É radical assim. Leia *O Evangelho para a Vida Real* com atenção. Ele fará bem a você!”

— **SINCLAIR B. FERGUSON**, MINISTRO DA *ST. GEORGE'S TRON CHURCH*, GLASGOW, ESCÓCIA

“Com uma linguagem clara e concisa, *O Evangelho para a Vida Real* descortina todo o evangelho de um modo que não apenas informa a mente, mas encoraja a alma a louvar a Deus. O corpo de Cristo está em dívida com Jerry Bridges pela imprescindível apresentação do plano de redenção.”

— **ROBERT M. NORRIS**, PASTOR, *FOURTH PRESBYTERIAN CHURCH*, BETHESDA, MARYLAND

“Jerry Bridges escreveu um livro com clareza e precisão fantásticas a fim de nos ajudar a compreender o evangelho do Senhor Jesus. Este livro é necessário a todos nós. Jerry disse que precisamos pregar o evangelho a nós mesmos todos os dias. Esta obra nos ajudará a fazer isso com uma maior compreensão e comunicação. Oro para que todos os nossos funcionários e colegas de trabalho o leiam.”

— **ALAN ANDREWS**, PRESIDENTE, *NAVIGATORS*



O Ministério Fiel tem como propósito servir a Deus através do serviço ao povo de Deus, a Igreja.

Em nosso site, na internet, disponibilizamos centenas de recursos gratuitos, como vídeos de pregações e conferências, artigos, e-books, livros em áudio, blog e muito mais.

Oferecemos ao nosso leitor materiais que, cremos, serão de grande proveito para sua edificação, instrução e crescimento espiritual.

Assine também nosso informativo e faça parte da comunidade Fiel. Através do informativo, você terá acesso a vários materiais gratuitos e promoções especiais exclusivos para quem faz parte de nossa comunidade.

Visite nosso website

www.ministeriofiel.com.br

e faça parte da comunidade Fiel